

## SIMPÓSIO TEMÁTICO 60:

Aspectos gramaticais da Língua Brasileira de Sinais

**Coordenadores:** André Xavier (UFPR) e Angélica Rodrigues (UNESP)

### A correferência nas sentenças relativas em Libras: aspectos sintáticos

Autores: Lizandra Caires do Prado<sup>1</sup>, Rozana Reigota Naves<sup>1</sup>, Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles<sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UnB - Universidade de Brasília, <sup>2</sup> UnB - Universidade de Brasília, <sup>3</sup> UnB - Universidade de Brasília

**Resumo:** As sentenças relativas em línguas orais são bastante estudadas, mas o mesmo ainda não ocorre com as línguas de sinais. Trata-se de sentenças que apresentam correferência entre elementos de uma oração matriz e de uma oração encaixada, nas quais estão em relação três elementos principais, a saber, um antecedente, o morfema relativo e a posição relativizada. Esse estudo analisa as relações de correferência nessas estruturas, na Libras. Para tanto, partimos das seguintes perguntas: (i) quais as estruturas relativas possíveis na Libras? (ii) há a presença ou não do antecedente e do termo relativizador? e (iii) qual a função do elemento que ocupa a posição relativizada? A nossa análise parte da perspectiva gerativa de análise, baseando as nossas observações, principalmente, nos postulados de Kayne (1994), Medeiros Jr. (2005), Kato (1993) e Kato e Nunes (2008), acerca das estruturas relativas em línguas naturais. Por nossa análise, observamos, desde trabalhos anteriores (ver PRADO e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012; PRADO, 2014, 2016), que a criação da referência em Libras é feita por um elemento denominado Loc (localizador), realizado através da apontação de posições definidas no espaço de sinalização para indicar referentes presentes ou ausentes no espaço físico discursivo. Esses elementos, por sua natureza articulatória e gramatical, constituem, por hipótese, a categoria dos determinantes (D-DP) em Libras. A partir dessa análise, estudamos a relação de correferência em estruturas que envolvem um antecedente e uma outra posição referencialmente vinculada em uma oração sintaticamente dependente, que postulamos corresponder a uma estrutura relativa nessa língua. Pela análise dos dados, observamos que o morfema relativo não aparece foneticamente realizado na sentença. Também, o antecedente deve coocorrer sempre ou com um elemento localizador (Loc) anteposto ao nominal ou somente sob a forma do localizador, sem o nominal foneticamente realizado. Além disso, o elemento localizador, que ocupa a posição relativizada, pode ser apagado.

**Palavras-chaves:** correferência, estruturas relativas, libras

### A iconicidade na criação de itens lexicais em libras

Autores: André Nogueira Xavier<sup>1,2</sup>, Thyago Santos<sup>2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFPR - Universidade Federal do Paraná, <sup>2</sup> SELI - Instituto SELI

**Resumo:** Para tratar da iconicidade das línguas de sinais, Taub (2001) propõe um modelo de construção analógica, de acordo com o qual a criação lexical pode ser concebida através de um processo que envolve três estágios. O primeiro deles é chamado pela autora de 'seleção imagética' e consiste na seleção de alguns aspectos de um dado referente que se quer expressar linguisticamente. Já o segundo é designado como 'esquematisação' e se refere à redução do referente a um esquema que retém somente as relações estruturais fundamentais de suas partes. A terceira e última etapa é chamada 'codificação' e consiste na seleção dos recursos fonológicos apropriados para a manifestação linguística de um dado conceito. À luz desse modelo, analisamos no presente trabalho um processo de criação de itens lexicais em libras na esfera das ciências naturais. Especificamente, analisamos um caso de criação de termos técnicos para designar o mosquito *Aedes aegypti* e os vírus por ele transmitidos, a saber: zika, chikungunya e dengue. Os dados em vídeo foram coletados de uma interação, através de uma rede social, entre surdos e um especialista sinalizante da área. A análise dos dados revelou a necessidade de se considerar um estágio anterior ao da seleção imagética, pois vimos entre os participantes surdos uma falta de compreensão dos termos supramencionados. Somente após os participantes surdos se apropriarem desses conceitos é que pudemos observar como os estágios propostos por Taub poderiam ser aplicados aos dados em análise.

Acreditamos que a seleção imagética e a esquematização foram influenciadas pelas explicações e apresentação de imagens da estrutura viral por parte do especialista sinalizante. Já no que diz respeito à codificação, observamos a interação de fatores de diferentes ordens (articulatórios, perceptuais, fonotáticos, etc) na seleção da forma linguística para a designação do mosquito e dos vírus por ele transmitidos.

**Palavras-chaves:** libras, iconicidade, linguística cognitiva

## A importância da função Orientação em Libras

Autores: Fábio Izaltino Laura <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFU - Universidade Federal de Uberlândia

**Resumo:** Normalmente chamadas na literatura de Construções de Tópico, a Orientação (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008) é vista, na Gramática Discursivo-Funcional, como um Ato Discursivo que assinala para o Destinatário as intenções comunicativas do Falante, ao indicar, dentro de um Movimento, o desejo do Falante de introduzir um referente no discurso que é importante para o novo Ato Discursivo que o segue. Há, principalmente na língua portuguesa, vários estudos que assinalam a importância dessas construções na Gramática e no texto/discurso nas línguas naturais. Citam-se, por exemplo, os trabalhos de Pontes (1987), Vasco (1999, 2006), Laura (2003, 2013). Sabe-se que a maioria dos trabalhos que circulam no meio acadêmico, sobretudo nos cursos que tem a Libras como objeto de estudo, refere-se à descrição desta língua pelo viés da Gramática Gerativa. Veja, por exemplo, os trabalhos pioneiros de Quadros (1994, 2000) sobre as características gramaticais e de aquisição da Libras. Nesta apresentação, gostaríamos de ressaltar a importância da Orientação na Língua Brasileira de Sinais sob o ponto de vista da Linguística Funcionalista. Para tanto, buscamos ocorrências de construções com características de Orientação em texto produzidos em Libras em programas da TVINES. As ocorrências apontam a importância da Orientação na estruturação da gramática da Libras, caracterizando-se por sua função na organização da ordem de palavras na sentença. Além disso, a Orientação marca sua propriedade de organização do discurso, o que evidencia a propriedade de administração dos tópicos discursivos.

**Palavras-chaves:** funcionalismo, libras, orientação

## A língua brasileira de sinais e suas variações: um estudo das transformações linguísticas e a adaptação da comunidade surda

Autores: Fernanda Grazielle Aparecida Soares De Castro <sup>1,1,1,1</sup>, Rosani Kristine Paraíso Garcia <sup>2,2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, <sup>2</sup> UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** Os sinais, que são os itens lexicais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), recentemente vêm sofrendo variações, mudanças ou mesmo tem sido criados novos. Esse “fenômeno mutacional” se tornou um objeto de discussão na comunidade surda, o que acabou gerando uma dicotomia de opiniões e de aceitação, sobretudo com a crescente interação entre os usuários da língua, facilitada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Por um lado, os conservadores buscam diminuição das variações e dos sotaques dos sinais/palavras, se fundamentando na tentativa de manter a língua mais forte, conseqüentemente uma melhor compreensão na comunicação dos surdos brasileiros, o que fortaleceria a luta por direitos. Por outro lado, a sociolinguística considera que o sistema de uma língua não é homogêneo, e que características de idioleto e de dialeto podem se manter presentes na língua e na cultura sem que se perca a sua característica nacional. Diante desta dicotomia, e pelos constantes relatos presenciados pelas autoras desta pesquisa, que são usuárias da Libras, surgiu o interesse em estudar sobre essa problematização. Os objetivos desta investigação, portanto, foram de identificar e discutir sobre tais questões que tem permeado o uso e as interações sociais quando há variações e mudanças na Libras. A pesquisa foi realizada sob orientação metodológica qualitativa, na qual se utilizou de instrumentos como entrevistas semiestruturadas e observações livres, junto a 12 sujeitos surdos. Os resultados mostraram que a criação de novos sinais tem como pano de fundo a demanda da ampliação do vocabulário da Libras, sobretudo para contemplar termos acadêmicos. Já as variações existem há algum tempo, no entanto, passou-se a percebê-las mais devido maior interação, realizadas com o uso das TIC's, principalmente, dos vídeos em redes sociais. Quando essas variações são difundidas, e adotadas por alguns usuários, geram-se as mudanças, que não descaracterizam a língua ou a identidade.

**Palavras-chaves:** libras, variações, linguísticas, surdez, novos sinais

## A multimodalidade dos discursos presenciais e a natureza simbólico-depictiva das formas manuais de demonstração

Autores: João Paulo da Silva <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

**Resumo:** Em qualquer narrativa contada presencialmente, é comum que os narradores descrevam verbalmente os eventos da história e demonstrem, com o corpo e/ou com a voz, os aspectos dos eventos que foram sonora e/ou visualmente perceptíveis para quem os presenciou. Enquanto a descrição é uma estratégia por meio da qual os interlocutores agem conjuntamente para ativar a mesma regra para as formas convencionais, a demonstração é uma forma de ação que consiste em imaginar, na interação, a aparência das coisas e dos eventos, empregando vários elementos disponíveis no espaço da interação (Clark, 1996; Murphy, 2004). Nos enunciados presencialmente elaborados, demonstração e descrição normalmente se integram, formando um todo significativo. O objetivo deste trabalho é apresentar a análise de algumas formas de demonstração elaboradas em duas narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras), 'Dia Internacional da Mulher' e 'Bolinha de Ping Pong', ambas sinalizadas por Rimar R. Segala, surdo nativo adulto, e disponibilizadas no site do Youtube. Em um dos trechos selecionados para a análise, o narrador conta um episódio em que operárias foram trancadas em uma fábrica em chamas. O narrador sinaliza DONO e, virando o corpo para a esquerda e direcionando o olhar para o mesmo lado, sinaliza FECHAR-PORTA à esquerda. Em seguida, com as mãos ainda configuradas na posição final do sinal FECHAR-PORTA, o narrador vira o corpo para a direita e posiciona as mãos ao lado direito, movendo as mãos para frente e para trás para significar que as mulheres forçavam a porta para sair. As análises chamam a atenção para o fato de que as demonstrações – bastante negligenciadas no estudo das línguas orais – são parte integral da gramática e da organização dos discursos das línguas sinalizadas e, portanto, não podem ser deixadas de lado na investigação e descrição dessas línguas.

**Palavras-chaves:** demonstrações, integrações conceituais, multimodalidade

## A reduplicação verbal em libras

Autores: Luciana Sanchez-Mendes <sup>2</sup>, André Nogueira Xavier <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFPR - Universidade Federal do Paraná, <sup>2</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar diferentes modos de expressar pluracionalidade em libras (língua brasileira de sinais), explorando o estatuto morfossintático dos parâmetros envolvidos nesse processo.

Este trabalho enfoca especificamente a repetição do verbo averiguando se diferentes tipos de reduplicação podem ser associados a diferentes leituras pluracionais. Por exemplo, em LSF (língua de sinais francesa) verbos indicam pluracionalidade por reduplicação, mas com leituras diferentes a depender do tipo de repetição envolvida (cf. KUHN; ARISTODEMO, no prelo). Um verbo pode ser pluracionalizado por meio de uma repetição exata (/rep/) e pela alternância das duas mãos (/alt/). Essas duas formas indicam duas dimensões diferentes sobre as quais a pluralidade de eventos pode ser distribuída. Da mesma forma que em LFS, em libras, a repetição do sinal do verbo parece indicar iteratividade. Por exemplo, se o sinal do verbo 'viajar' é repetido, isso quer dizer 'viajar frequentemente'. Porém, diferentemente da LSF, repetição com alternância das duas mãos em libras não está sempre envolvida na distribuição de eventos entre participantes. Em alguns casos, ela expressa aspecto durativo/progressivo, como o verbo 'falar', que repetido com alternância quer dizer 'ficar falando'. Em outros casos, no entanto, tais como os dos verbos direcionais, a alternância das duas mãos na repetição do sinal tem um comportamento semelhante ao dos dados de LSF. A alternância do verbo 'ir embora' significa, por exemplo, pessoa indo embora uma depois da outra. Seguindo Lasersohn (1995), este trabalho propõe que todas as leituras associadas à pluracionalidade envolvem uma semântica de plural. Referências: FERREIRA, L. Repetição e Reduplicação em Língua Brasileira de Sinais. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares 11. 2001. p. 6-17. KUHN, J; ARISTODEMO, V. no prelo. Pluractionality, iconicity, and scope in French Sign Language. Semantics in Pragmatics. LASERSOHN, P. Plurality, Conjunction, and Events. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1995.

**Palavras-chaves:** libras, semântica, reduplicação, plural, verbos

## Aspectos pragmáticos nas construções classificadoras

Autores: Bruno Gonçalves Carneiro <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFT - Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** As construções classificadoras, nas línguas de sinais, podem ser analisadas como uma combinação de elementos linguísticos e gestuais; estruturas icônicas capazes de transmitir grande número de informações de forma simultânea. O objetivo deste trabalho é descrever as construções classificadoras como estruturas semi-lexicalizadas, altamente produtivas, com características fonológicas, sintáticas e semânticas. Para isso, analisamos textos sinalizados por surdos adultos usuários da libras. Observamos e discutimos os dados visualizando o corpo do sinalizante numa perspectiva ampla, vinculada a processos cognitivos gerais e atrelados à experiência corporal diária, como forma de conceber e codificar as impressões que temos do mundo (JOHNSON, 1992, JOHNSTON; SCHEMBRI, 1999, LIDDELL, 1996, 2003a, 2003b; LIDDELL; METZGER, 1998, MCCLEARY; VIOTTI, 2011, ZESHAN, 2003a, 2003b). Inicialmente identificamos construções em que o sinalizante (como um todo) codifica a concepção de eventos, em que mimetiza a ação e um dos participantes da ação, como numa encenação da situação enunciada. Numa análise preliminar, identificamos construções classificadoras que aqui glosamos como VER, VERIFICAR, COLOCAR e SORRIR. Todas essas construções foram prepostas por itens lexicais que, de alguma maneira, remetem ao mesmo evento, mas com significado codificado de forma mais genérica. Ou seja, tais construções precisam ter seus significados atribuídos por sinais lexicalizados. As construções classificadoras parecem exibir aspectos pragmáticos do enunciado, através de uma representação visual do contexto, disponibilizando informações da ação, dos participantes e, em alguns momentos, estado de participantes. Consideramos que as construções classificadoras, em nossas análises parciais, a partir de dados da língua em uso, tornam a construção de significado mais específica. Assim como os gestos (KENDON, 2014), transmitem informações pragmáticas do discurso, explicitando outra perspectiva do significado codificado.

**Palavras-chaves:** construções classificadoras, sinais semi-lexicalizados, gestos

## Construções locativas e construções existenciais na língua de sinais brasileira

Autores: Hildomar José de Lima <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFG - Universidade Federal de Goiás

**Resumo:** Neste artigo se pretende discutir sobre construções com predicados locativos e construções existenciais na Língua de Sinais Brasileira (LSB). A discussão é feita com base na noção dessas duas categorias de construções apresentadas por Dryer (2007). Desse autor se explorou também a noção de cópula, complementada pela caracterização de sentenças copulativas trazidas por Givón (2001). O corpus se constitui de narrativas livres coletadas de surdos adultos fluentes em LSB. Utilizou-se a glosa como sistema de transcrição dos dados. O procedimento de análise dos dados se deu com base nas orientações da tipologia linguística, que possibilitou partir das noções que se tem de construções locativas e existenciais nas línguas orais. Esse procedimento se justifica pelo fato de não encontrar trabalhos que tenham explorado tais noções nas línguas de sinais. Observou-se inicialmente que, na LSB, as construções locativas são caracterizadas pelo uso do sinal 'ter' e que a ordem relativa dessas construções é SN + ter (marcador existencial) + SN. Notou-se ainda que tanto nas construções em que o 'ter' indica localidades quanto naquelas que o 'ter' indica estado, possivelmente, trata-se de sentenças com predicado copulativo. As construções existenciais, por sua vez, caracterizam-se pelo uso do sinal 'vida/viver', que evidencia a existência apenas daquelas entidades com traço semântico humano, sem necessariamente envolver uma locação. Para indicar a não existência de alguém ou de algo, são empregados os sinais 'ter-não' e 'nada'. O primeiro é utilizado independentemente da natureza semântica do referente apresentar traços de animacidade. O segundo é utilizado para indicar a inexistência apenas em contextos com referente com traço semântico humano.

**Palavras-chaves:** construções locativas, construções existenciais, predicado copulativo

## Expressões não-manuais na ELiS

Autores: Mariângela Estelita Barros <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFG - Universidade Federal de Goiás

**Resumo:** O objetivo desse trabalho é discutir as situações em que as expressões não-manuais (ENM) são ou não representadas pela ELiS, e na situação em que são, como fazê-lo. A ELiS é um sistema de escrita de línguas de sinais fundamentado em princípios da linguística, especialmente no que tange às áreas da fonética, fonologia (STOKOE, 1960; BATTISON, 1978; BRENTARI, 1980) e morfologia (ARONOFF 2004). É uma escrita capaz de captar a estrutura básica das línguas de sinais, ou seja, os elementos de seus cinco parâmetros, as diferentes estruturas morfológicas dos sinais e elementos da sintaxe espacial (LIDELL, 1980). As ENM, como um de seus cinco parâmetros, são representadas pela ELiS de diferentes formas, de acordo com seus tipos, ENM lexicais, gramaticais ou afetivas. Há situações, no entanto, em que a representação sistemática das ENM é bastante desejada, como é o caso de transcrição de vídeos. Nestes casos, passamos a necessitar, então, não apenas de um sistema de escrita, mas de um sistema de transcrição, já que escrever e transcrever são atividades distintas, cumprem objetivos distintos e usam recursos distintos (VAN DER HULST, 2010). A fim de atender às situações de transcrição, desenvolvemos uma pesquisa recentemente cujo objetivo foi criar recursos de representação de ENM, que passam a compor a versão da ELiS para transcrição, e que não alteram sua versão para uso cotidiano. Para chegar a essa versão, desenvolvemos o trabalho em cinco etapas: criação formal dos recursos; escolha de cinco vídeos, para experimentação; transcrição dos vídeos considerando apenas seus elementos lexicais; introdução dos novos recursos à transcrição; definição da posição dos novos recursos na estrutura da ELiS. Após experimentação, esses recursos ficaram basicamente estruturados por: um visografema de Ponto de Articulação associado a um visografema de Movimento, que representam, respectivamente, qual parte do corpo realiza qual movimento.

**Palavras-chaves:** ELiS, expressões não-manuais, língua de sinais

## Investigando a categoria aspectual da Libras na produção de ouvintes familiares de surdos

Autores: Lídia da Silva <sup>1</sup>, Lucas Gomes Albuquerque <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFPR - Universidade Federal do Paraná

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo descrever nossa investigação sobre a produção da categoria aspectual da Libras por 10 (dez) indivíduos adultos que são ouvintes e que tem algum parentesco com surdos o que portanto, caracteriza-se como um estudo de segunda língua. Para tanto, eliciamos a produção dos dados por meio de entrevista e através da contação da narrativa “Marca angelical” de Celia Chueire. Toda a produção foi registrada em vídeo e transcrita no Elan. Analisamos estes dados a luz da teoria linguística geral, baseando-nos em Comrie, 1976 e da linguística da Libras, baseamo-nos em Finau 2004, sendo que demos enfoque lexical a análise da entrevista e um enfoque gramatical a análise da narrativa. Além disso, coletamos dados pessoais e sobre a história de aquisição desses sujeitos por meio da aplicação de um questionário que foi respondido em língua portuguesa. Como a pesquisa encontra-se em andamento, nossos resultados são parciais e nossa análise preliminar, entretanto já podemos observar qual a maior incidência em relação a produção do aspecto lexical e como são feitas as flexão dos verbos que marcam aspecto gramatical. Esperamos com isso, pontuar as diferenças e semelhanças entre as produções destes ouvintes com produções aspectuais de Libras feitas em primeira língua por surdos.

**Palavras-chaves:** aspecto, libras, segunda língua

## Libras, verbos e iconicidade cognitiva: sinalizando e visualizando relações linguísticas – Parte A

Autores: Valeria Fernandes Nunes <sup>1,2</sup>, Sandra Bernardo <sup>2</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio De Janeiro, <sup>2</sup> UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo:** Analisam se sinais de verbos da Língua Brasileira de Sinais – Libras, iniciados em português com a letra “a”, presentes no Dicionário Digital de Libras disponível no site do Instituto Nacional de Educação de Surdos, à luz de Nunes (2014), que postula categorização linguística para sinais da Libras, segundo a iconicidade cognitiva (WILCOX, 2004), a metonímia conceptual, a corporificação (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e a categorização (ROSCH apud LAKOFF; JOHNSON, 1980). A análise também se baseia nos conceitos de esquemas imagéticos (KÖVECSSES, 2006) e de domínio, bem como no modelo de gramática cognitiva (LANGACKER, 2008) e na descrição de verbos na Libras (BRITO, 2010; FELIPE, 2007; QUADROS; KARNOPP, 2004). Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, que revelou duzentos e setenta e três verbos. Após investigação preliminar, estabeleceu se a hipótese de que os verbos em Libras podem ser categorizados num contínuo de prototipicidade, conforme o grau de iconicidade. Na abordagem



cognitiva, a gramática, que não distingue sintaxe e semântica, reúne unidades simbólicas bipolares, compostas de um polo semântico e um pólo fonológico. Nessa concepção, o sinal ABRAÇAR, por exemplo, possui um polo semântico e um pólo fonológico visual: [[ABRAÇAR]/[abraçar]]. A distância entre esses polos é a base da arbitrariedade. Entretanto, quando os polos residem na mesma região do espaço conceitual, a arbitrariedade é reduzida, gerando uma iconicidade cognitiva. A aproximação ou distanciamento do sinal prototipicamente icônico baseia-se no pressuposto da categoria radial (ALMEIDA, 2009), que tem como centro um núcleo prototípico, em torno do qual membros periféricos se organizam, apresentando variações de afastamento em relação aos parâmetros eleitos. Dessa forma, o sinal ABRAÇAR é categorizado como icônico-corporificado, pois remete a ação corporal humana de envolver outro ser com seus braços. Parte de uma tese de doutorado, esta pesquisa apresenta como resultado a categorização linguística dos sinais nos dados selecionados.

**Palavras-chaves:** libras, verbos, iconicidade cognitiva

## LIBRAS: uma língua de sujeito nulo parcial?

Autores: Anderson Almeida da Silva <sup>1</sup>, Claudia Roberta Tavares Silva <sup>2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFPI; UNICAMP - Universidade Federal do Piauí; Universidade Est.de Campinas, <sup>2</sup> UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

**Resumo:** No âmbito da teoria gerativa, um dos locus de variação interlinguística reside em como a posição sujeito é preenchida nas línguas naturais. Disso, resultou na formulação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) na Gramática Universal (cf. CHOMSKY 1981, 1986, RIZZI, 1982). Para este estudo, embasados nessa teoria, analisaremos dados de intuição e extraídos de estudos já realizadas em LIBRAS sobre o PSN (QUADROS, 1995). Ademais, assumiremos com Roberts & Holmberg (2009) que há quatro tipos de sistemas de sujeito nulo: (a) línguas de sujeito nulo consistentes (ex.: espanhol), (b) línguas de sujeitos nulos expletivos (ex.: alemão), (c) línguas pro-drop radical (ex.: chinês) e (d) línguas de sujeito nulo parcial (ex.: caboverdiano e português brasileiro). No tocante à LIBRAS, apresenta duas classes de verbos (QUADROS, 1999; LOURENÇO, 2014): verbos com concordância (VCC) e sem concordância (VSC). Enquanto, na primeira, é possível “recuperar” o sujeito através do deslocamento do verbo para as posições dos seus argumentos, na segunda, é obrigatória a realização de um pronome lexical. Em nossa proposta, erguem-se duas predições: (a) o deslocamento nos VCC não é uma marca de concordância, mas serve-se para realizar um clítico na(s) posição(ões) argumental(ais) e (b) A LIBRAS não teria sujeitos nulos em oração raiz em nenhuma classe de verbos, a não ser em contextos específicos como os apontados em Holmberg, Nayudy & Sheehan (2009) para línguas de sujeito nulo parcial. Ou seja, essa língua não seria uma língua de SN consistente, pois, por ter uma única forma verbal para todas as pessoas, os sujeitos nulos não podem ser identificados por uma desinência, mas por um clítico que é representado pelo espaço e serve como um marcador de concordância, tal como é proposto para o caboverdiano (cf. Baptista 2002, Pratas 2002, 2007 Pratas 2002, 2007).

**Palavras-chaves:** LIBRAS, sujeito nulo, morfologia, variação

## Marcação de masculino e feminino na libras

Autores: Bruno Carneiro <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFT - Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é descrever sobre a manifestação de masculino e feminino em nomes na língua de sinais brasileira (libras). Este estudo é um recorde de uma pesquisa, ainda em andamento, sobre classes de palavra na libras. Para isso, baseamo-nos na proposta de ampliação e organização lexical nas línguas de sinais (JOHNSTON; SCHEMBRI, 1999, ZESHAN, 2003a, 2003b), na manifestação de gênero nas línguas do mundo (CORBETT, 2005) e na manifestação de masculino e feminino na libras (BRITO, 1995). De acordo com Corbett (2005), o termo gênero diz respeito à classificação de nomes, nem sempre presente nas línguas do mundo. Quando manifesta, esta ordenação pode ser baseada no sexo biológico (masculino, feminino, neutro) ou em outras possibilidades (animado/inanimado, humano/ não humano e outros traços semânticos). Um sistema de gênero é quando essa característica nominal se manifesta em outros elementos do sintagma. Assim, tipologicamente, há línguas sem sistema de gênero, línguas com manifestação baseada em sexo e línguas cuja manifestação se apoia em outras características (não sexo). Os dados que compõem nosso corpus de análise é abrangente, a considerar variadas situações da língua em uso. Ressaltamos que a análise de dados é regida por uma abordagem funcionalista da linguagem. Inicialmente, identificamos os sinais lexicalizados a partir de critérios fonológicos, sintáticos e semânticos. Daí, buscamos identificar a classe de palavra a que o sinal pertence, atentos à manifestação de

masculino e feminino. Vemos que na libras, a marcação de masculino/ feminino se manifesta em sinais que se comportam como substantivos. Essa marcação é opcional em referentes animados e ausente em referentes inanimados. Quando acontece, há justaposição de sinais HOMEM ou MULHER ao sinal substantivo. Consideramos ainda que não há um sistema de gênero na libras (baseado em sexo), visto que tal característica não extrapola a outros elementos do sintagma.

**Palavras-chaves:** gênero na libras, masculino/ feminino, classe de palavra

## Movimento: um estudo sobre intensidade gramatical em libras

Autores: Rosana Passos <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** Os estudos linguísticos no âmbito das línguas de sinais anseiam descrever as propriedades gramaticais destas objetivando, sobretudo, explicar como sua organização gramatical é estruturada. Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar quais parâmetros físicos do movimento expressam a informação de graus de intensidade gramatical em Libras. A metodologia desenvolvida para avaliar os parâmetros físicos do movimento em Libras, foi um experimento, por meio de estímulos visuais, com três sujeitos ouvintes e usuários de Libras como segunda língua (L2). O procedimento foi filmado e as informações do movimento de Libras, foram registradas em vídeos e os parâmetros físicos foram extraídos dos sinais do movimento através da ferramenta FlowAnalyzer (Barbosa et. al., 2008). Este estudo analisou quatro parâmetros físicos: duração, energia, variância e velocidade média, a fim de responder, principalmente, a pergunta: os parâmetros físicos do movimento são modificados de alguma forma para expressar diferentes graus de intensidade gramatical? A proposição inicial considerada na formulação deste estudo foi a de que os graus de intensidade gramatical seriam aumentados à medida em que os níveis dos estímulos fossem elevados (nível 1 < nível 2 < nível 3), bem como haveria acréscimo nos valores dos parâmetros físicos relacionados aos movimentos em Libras: (grau 3 > grau 2 > grau 1). Os resultados indicam que a duração é um importante correlato gramatical para representar os diferentes graus de intensidade em Libras, influenciando, direta ou indiretamente, os demais parâmetros físicos, o que implicou mudanças no movimento da Libras, de forma não-linear, desproporcionais à causa, conforme previsto pela modelagem dos Sistemas Dinâmicos e Complexos. Similarmente, a velocidade média mostra-se relevante ao sistema de intensificação gramatical em Libras. Os resultados indicam que os diferentes níveis de intensidade dos estímulos acarretam uma variabilidade na expressão dos distintos graus de intensidade gramatical.

**Palavras-chaves:** Libras, intensidade gramatical, movimento, FlowAnalyzer, fonologia da libras

## O supertópico: um ponto comum às narrativas em Libras e em português

Autores: Noriko Lúcia Sabanai <sup>2</sup>, Daniele Marcelle Grannier <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UnB - Universidade de Brasília, <sup>2</sup> SEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal

**Resumo:** Considerando que a Libras e o português são línguas em que há um forte componente de proeminência de tópico e que, por outro lado, a comunicação humana frequentemente requer uma contextualização inicial antes de se começar uma narrativa, apresenta-se neste trabalho uma comparação entre o supertópico da Libras – ou construção do cenário – e a estruturação de duas “fábulas fabulosas” de Millôr Fernandes. Os dados da Libras foram coletados em trabalho de campo com estudantes brasileiros. A análise das duas línguas como de proeminência de tópico (Tp) ou de sujeito (Sp), baseia-se na proposta pioneira de Li e Thompson (1976). No nível sintático-discursivo, os resultados apontam para a coexistência dos dois tipos de proeminência tanto em Libras como nos textos em português. Os critérios considerados foram (1) para a proeminência de tópico: a propriedade ‘definido’, a possibilidade de o tópico não ser selecionado pelo verbo, a presença de sujeitos duplos e a posição inicial na sentença; (2) para a proeminência de sujeito: a seleção do argumento pelo verbo, a obrigatoriedade da concordância verbal, a possibilidade de sujeito vazio, a construção passiva. No nível da estruturação do discurso, a contextualização da situação na qual as ações da narrativa se desenrolam, que constitui possivelmente uma necessidade universal na comunicação, ocorre tanto em Libras quanto em português, sendo que na língua de sinais ela se manifesta de forma altamente codificada e obrigatória, enquanto em português, embora apresente marcas características e ocorra frequentemente, ela tem caráter opcional.

**Palavras-chaves:** libras, português, estrutura discursiva da narrativa, sintaxe, supertópico

## Pesquisando a produção escrita de surdos brasileiros: um estudo de caso

Autores: Roberto de Freitas Junior <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O estudo objetiva estudar fatores que modulam a produção escrita em português de alunos surdos falantes de LIBRAS. Por hipótese, acreditamos que tais fatores (1) são advindos da influência da LIBRAS (dada a situação de bilinguismo) ou (2) estão relacionados a processos comuns da aprendizagem da língua escrita (como a hipercorreção). Sobre o ponto (1) é possível dizer que a transferência é um termo geral que abarca o uso de conhecimentos prévios sobre uma língua no aprendizado de outra (c.f.: Brown (1994)) e que quando o conhecimento não auxilia o aprendizado, temos o que é tradicionalmente entendido por interferência. Sobre o ponto (2), é possível afirmar que processos como a supergeneralização/hipercorreção, presentes na produção escrita e na aquisição de L2, estão, em geral, relacionados à tendência de criar formas inexistentes na língua por associação com formas consideradas de prestígio (cf. DUBOIS et al, 1973; LABOV, 2008 [1972]). Nossa metodologia se divide em duas fases distintas: 1) a produção textual dos alunos (corpus), para fins de coleta de dados divergentes dos da modalidade escrita culta no português e 2) a diferenciação e análise dos tipos de fenômenos emergentes. No presente trabalho será apresentado um estudo de caso que exemplifica a pesquisa a ele relacionada. Os resultados podem oferecer subsídios para novas práticas metodológicas de ensino de escrita em L2.

**Palavras-chaves:** letramento, surdez, interlíngua, transferência, supergeneralização

## Por uma terminologia em libras compartilhada na disciplina de libras: proposta de uma base de dados terminológicos

Autores: Francielle Cantarelli Martins <sup>1</sup>, Marianne Rossi Stumpf <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Os estudos linguísticos e educação relacionados à Libras – Língua brasileira de Sinais são recentes. Especialmente a partir do advento da Lei nº 10.436/02, em 2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira regulamentada pelo Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005 que determina a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, formação de professores e de Fonoaudiologia. Cada área tem seus termos técnicos, e é importante trabalhar com sinais específicos de cada área, ou seja, sinais-termos. Assim, discentes podem aprender termos técnicos do seu curso bem como aprender sinais-termos em Libras. Este trabalho teve como intuito mostrar a importância dos glossários terminológicos da Libras como ferramenta para que os docentes e discentes possam compartilhar e conhecer os sinais-termos técnicos. Porém, não tem muitos glossários em Libras no país, então este trabalho se justifica pela carência que disciplina de Libras apresenta de glossários terminológicos em Libras e ainda também carente de léxico terminológicos em Libras nas áreas especialidades, como artes, ciências, geografia, entre outros, pois são recentes e não espalhados no país. No método, utilizamos metodologia de pesquisa qualitativa em seus procedimentos, este trabalho coletou, registrou e organizou a lista de glossários terminológicos impressos e digitais de Libras para que docentes e discentes possam acessar e consultar os sinais-termos das áreas especialidades. Os resultados mostraram que glossários terminológicos representam importantes ferramentas para discentes e são tidos como materiais importantes para qualquer língua, especialmente para termos técnicos. Concluímos que é importante ter glossários de terminologia compartilhada para discentes e docentes no ensino superior, pois é uma ferramenta objetiva e favorece efetivamente a interação entre discentes e docentes envolvidos com ensino, visto que poderão compartilhar de uma terminologia possibilitando um melhor entendimento do léxico da área em Libras.

**Palavras-chaves:** glossários terminológicos, disciplina, libras

## Por uma terminologia em libras compartilhada na disciplina de libras: proposta de uma base de dados terminológicos

Autores: Francielle Cantarelli Martins <sup>1</sup>, Marianne Rossi Stumpf <sup>1</sup>



Instituição: <sup>1</sup> UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Os estudos linguísticos e educação relacionados à Libras – Língua brasileira de Sinais são recentes. Especialmente a partir do advento da Lei nº 10.436/02, em 2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira regulamentada pelo Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005 que determina a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, formação de professores e de Fonoaudiologia. Cada área tem seus termos técnicos, e é importante trabalhar com sinais específicos de cada área, ou seja, sinais-terminos. Assim, discentes podem aprender termos técnicos do seu curso bem como aprender sinais-terminos em Libras. Este trabalho teve como intuito mostrar a importância dos glossários terminológicos da Libras como ferramenta para que os docentes e discentes possam compartilhar e conhecer os sinais-terminos técnicos. Porém, não tem muitos glossários em Libras no país, então este trabalho se justifica pela carência que disciplina de Libras apresenta de glossários terminológicos em Libras e ainda também carente de léxico terminológicos em Libras nas áreas especialidades, como artes, ciências, geografia, entre outros, pois são recentes e não espalhados no país. No método, utilizamos metodologia de pesquisa qualitativa em seus procedimentos, este trabalho coletou, registrou e organizou a lista de glossários terminológicos impressos e digitais de Libras para que docentes e discentes possam acessar e consultar os sinais-terminos das áreas especialidades. Os resultados mostraram que glossários terminológicos representam importantes ferramentas para discentes e são tidos como materiais importantes para qualquer língua, especialmente para termos técnicos. Concluímos que é importante ter glossários de terminologia compartilhada para discentes e docentes no ensino superior, pois é uma ferramenta objetiva e favorece efetivamente a interação entre discentes e docentes envolvidos com ensino, visto que poderão compartilhar de uma terminologia possibilitando um melhor entendimento do léxico da área em Libras.

**Palavras-chaves:** glossários terminológicos, disciplina, Libras

## Processos de combinação de cláusulas em libras: um estudo das orações adversativas

Autores: Angelica T. C. Rodrigues <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UNESP - Universidade Estadual Paulista

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é oferecer uma análise funcionalista das orações coordenadas adversativas na Língua Brasileira de Sinais (libras). Na abordagem funcionalista, os processos de combinação de cláusulas são analisados segundo a noção de gradiência através de um continuum em que estão dispostas estruturas com diferentes graus de vinculação. Considerando que a análise a partir de critérios estritamente sintáticos é insuficiente para a análise da coordenação, uma vez que as orações envolvidas nesse processo apresentam grau de integração sintática fraco, assumimos que a relação que emerge da combinação de duas ou mais orações coordenadas pode ser mais bem explorada a partir de critérios de ordem semântica e pragmática. No caso das orações coordenadas adversativas, em foco neste trabalho, a relação que se estabelece nessa construção, que é essencialmente binária, é de oposição semântica ou quebra de expectativa. A análise dos dados extraídos de vídeos publicados na Internet (Facebook e Youtube) nos permite afirmar que o uso das orações adversativas introduzidas pela conjunção MAS em libras deve levar em conta os mesmos valores semântico-pragmáticos de contraste. Nossos resultados são explorados, desse modo, para descrever o uso de conjunções em línguas de sinais e o uso das orações adversativas como estratégia argumentativa na libras.

**Palavras-chaves:** libras, coordenação, orações adversativas

## Representando entidades em Libras

Autores: Elidéa Lúcia Almeida Bernardino <sup>1</sup>, Sherman Wilcox <sup>2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, <sup>2</sup> UNM - University of New Mexic

**Resumo:** Como as entidades são representadas em Libras? Uma entidade pode ser representada através de um nome (ou um substantivo), pelo sinal próprio de um ser específico, por uma deixis, pelo uso de um classificador (CL) ou uma ação construída (CA) no discurso. Essas representações têm características próprias, sendo algumas análogas ao uso em línguas orais. Outras, porém, apresentam características bem distintas. Este estudo procura apresentar como entidades são representadas em Libras, focalizando principalmente construções CL e CA utilizados com esse objetivo. A abordagem teórica deste trabalho é da Gramática Cognitiva, buscando a compreensão da relação entre a linguagem e o pensamento através da análise de construções linguísticas da língua em seu uso (usage-based approach – Langacker, 2008). Conforme essa perspectiva, os significados (das coisas, assim como a visão de mundo de uma pessoa)

estão na mente do falante ao produzir e ao compreender uma expressão linguística. Como a nossa visão do mundo é construída com base em nossas experiências, cada pessoa apreende o mundo de uma forma diferenciada. Neste trabalho, são analisadas narrativas espontâneas de surdos, que estão disponibilizadas no YouTube. Como resultado deste estudo, observa-se que CL e CA são utilizados, ora simultaneamente, ora separados, na marcação do ponto de vista – do narrador, do observador, do caráter (ou personagem da narrativa) ou mesmo múltiplos pontos de vista, através de particionamento do corpo do sinalizador (body partitioning). A direção do olhar é um elemento essencial nessa marcação, sendo responsável também pela identificação da entidade representada. Tornam-se claros os diferentes níveis (grounds) e tempos retratados: o do discurso (narrador/ouvintes, tempo presente) e o da narrativa (personagem/outras participantes, tempo histórico).

**Palavras-chaves:** ação construída, classificadores, entidades, gramática cognitiva, libras

## Sinais com mão base na Libras

Autores: Aline Garcia Rodero Takahira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** Este trabalho investiga dados da libras (Língua Brasileira de Sinais) formados com o que é chamado de mão não-dominante, mão de apoio ou mão base, como ocorre em dados como: CAFÉ, ESCREVER, DESENHAR, DICIONÁRIO e MÉTODO. Todos esses sinais são formados por duas mãos, sendo uma delas uma mão base realizada com os cinco dedos distendidos e juntos. O objetivo desta pesquisa é investigar o estatuto desses sinais. Para o desenvolvimento da pesquisa, observamos a sinalização de surdos em narrativas e entrevistas para formar nosso conjunto de dados. Em seguida, buscamos entender se nesses sinais a mão não-dominante apresenta significado ou se serve apenas como base, ou ponto de articulação, para a realização do sinal produzido pela mão dominante. Apresentamos, então, os dados para cinco sinalizantes surdos e, com o intuito de saber se os sinalizantes nativos enxergam um ou dois significados dentro desses sinais, apresentamos os sinais completos e também realizados sem a mão base, intercalados com distratores. Com os resultados desse teste, ressaltamos que nossos dados apontam para a existência de dois grupos de sinais realizados com esse tipo de mão base: i) um grupo no qual a mão base apresenta significado mais claro, como CAFÉ, ESCREVER e DESENHAR e, nesse caso, analisamos esses dados como compostos; e, ii) um grupo no qual a mão base não apresenta significado claro, como DICIONÁRIO e MÉTODO e, nesse caso, consideramos esses sinais como sinais simples. Analisamos dados como CAFÉ, ESCREVER e DESENHAR como compostos formados por um sinal simples e um sinal com mão base que é um sinal classificador. Sendo assim, esses dados são compostos simultâneos com dois sinais classificadores (um mão base e um sinal classificador de manuseio), no sentido já discutido em Rodero-Takahira (2015).

**Palavras-chaves:** classificadores, composição, libras, mão base

## Sobre os espaços de realização dos sinais na Libras

Autores: Magali Nicolau de Oliveira de Araújo <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UnB - Universidade de Brasília

**Resumo:** Este trabalho pretende contribuir para a geração de novos conhecimentos acerca da língua de sinais brasileira (Libras) e para o reconhecimento dessa língua como um sistema linguístico pleno. Apresenta-se uma descrição dos diferentes espaços utilizados na Libras, que podem ser o Real, o Subrogado, ou o Token, com foco na análise da sequência dos espaços e a ocorrência da superposição de espaços durante a enunciação. A abordagem utilizada na pesquisa se apoia no conceito de espaço mental proposto por Fauconnier e nos estudos realizados por Liddell sobre a Língua Americana de Sinais (ASL) e nos estudos de Cuxac e Sallandre sobre a Língua Francesa de Sinais (FSL). Os resultados alcançados neste estudo confirmam em linhas gerais, na Libras, os resultados obtidos por Liddell para a ASL e incorporam algumas oposições apresentadas por Cuxac para a FSL. É preciso levar em consideração, entretanto, a existência de um quarto espaço de realização dos sinais. Nesta análise dos espaços na Libras, encontram-se envolvidos todos os elementos dêiticos, os classificadores e os diferentes tipos de verbos observados na narrativa do surdo. A importância dessa pesquisa fica evidente ao se perceber que o uso dos espaços e sua alternância são essenciais na organização do discurso em língua de sinais, na retomada de um referente já utilizado na narrativa do surdo por meio da apontação, do giro do corpo ou na direção do olhar, quer seja do personagem ou do narrador, e ainda na mudança da pessoa do

**Palavras-chaves:** Libras, espaços mentais, dêiticos, classificadores

## Surgimento da ortografia na ELiS

Autores: Leandro Andrade Fernandes <sup>2</sup>, Mariângela Estelita Barros <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFG - Universidade Federal de Goiás, <sup>2</sup> UFT - Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O objetivo desse trabalho é discutir a ortografia (possibilidade, necessidade e existência) no sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais ELiS, surgida a partir do trabalho de escrita dos sinais contidos no dicionário DEIT-Libras (CAPOVILLA, 2013). A ELiS surgiu com o objetivo de ser uma escrita cotidiana das línguas de sinais, no entanto, até o presente momento, não apresentava regras ortográficas. Estas normalmente surgem a partir de padronizações deliberadas, como a publicação de dicionários, e podem tender a representar o que as pessoas mais utilizam ou a preservação da origem etimológica das palavras (MORAIS, 2001). A fixação da forma ortográfica do léxico é importante para aliviar a memória e a atenção durante o processamento linguístico em atividades de leitura e escrita, pois permite a compreensão holística de formas ortográficas memorizadas, sem necessidade de decifração (FAYOL, 2014). Nos anos de 2014 e 2015, desenvolvemos pesquisa na qual escrevemos em ELiS, mais de 10.000 sinais da Língua Brasileira de Sinais apresentados no referido dicionário. Na etapa de revisão desse trabalho, fomos percebendo a existência de contextos ortográficos que poderiam ser padronizados, às vezes apagando diferenças fonéticas – como é próprio da ortografia fazer –, a fim de primar por estabelecer formas ortográficas, como foi o caso da configuração de mão descrita no dicionário como “mão aberta”, que às vezes era escrita com o polegar horizontal, às vezes vertical, ou, mais raramente, com o polegar na palma, ao gosto de quem as escrevia, e que acabou por ser padronizada da primeira forma. Além deste, inúmeros outros contextos ortográficos foram padronizados ao longo do dicionário. A equipe que participou da revisão pôde experimentar um aumento na facilidade/velocidade de leitura e de escrita a partir do conhecimento e uso das formas ortográficas já memorizadas.

**Palavras-chaves:** ELiS, língua brasileira de sinais, ortografia

## Uma análise da variação linguística comparativa em libras da tradução do livro digital “o pequeno príncipe”: edições paulista e catarinense

Autores: Paulo Henrique Pereira <sup>1,2,3</sup>, Vanessa Lima Vidal Machado <sup>1,2,3</sup>, Adriana Marly Sampaio Josino <sup>1,2,3</sup>  
Instituição

<sup>1</sup> UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, <sup>2</sup> UFC - Universidade Federal de Ceará, <sup>3</sup> UECE - Universidade Estadual do Ceará

**Resumo:** O objetivo deste simpósio é apresentar o estudo comparativo de duas edições digitais do livro “O pequeno príncipe”, disponíveis nos sites brasileiros, um da editora Arara Azul e outro da Biblioteca Central, posto que publicados em estados diferentes. A história é a mesma, porém é produzida em contexto sociodiscursivo diferente. Dois sujeitos, tradutores dos livros digitais – um paulista e um catarinense –, apresentam a produção tradutória da obra literária de Antoine de Saint-Exupéry. Nosso trabalho apresenta uma análise deste processo de tradução, dando ênfase às razões para a escolha de alguns tipos de variação linguística regional, na forma de utilização dos sinais pelos tradutores de dois estados diferentes. Partindo da problemática da variação linguística na prática da tradução, busca-se ainda perceber a variação linguística existente na Libras de um mesmo sinalizante. A Libras é uma língua de modalidade gestual visual, pois utiliza movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão, diferentemente da Língua Portuguesa. Apesar dessas diferenças, o ensino oficial de uma língua sempre trabalha com a norma culta, a norma padrão, que é utilizada na forma escrita e falada e sempre toma alguma região e um grupo social como padrão. Busca-se assim, identificar as variações apresentadas no uso dos sinais categorizando-as como variações linguísticas, que não implicam em mudança de significado ou adaptações contextuais, que implicam na mudança de significado. O fato de que as línguas podem possuir variações regionais e o uso dos sinais que pelos tradutores dos livros digitais valorizam a sua linguística comparativa. Os surdos reconhecem a língua de sinais própria da sua nacionalidade. Este trabalho contribui para o avanço das pesquisas sobre tradução, à medida que se propõe a fazer uma análise comparativa das variações linguísticas regionais, a partir da obra literária do “O pequeno príncipe”.

**Palavras-chaves:** linguística comparativa, literatura traduzida, livros digitais, variação linguística

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.  
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.